

**ESCRavidÃO MODERNA NA MAURITÂNIA: TESTEMUNHO E NECROPOLÍTICA
NA OBRA *A MOONLESS STARLESS SKY: ORDINARY WOMEN AND MEN
FIGHTING EXTREMISM IN AFRICA* DE ALEXIS OKEOWO**

**MODERN SLAVERY IN MAURITANIA: TESTIMONY AND NECROPOLITICS IN
THE WORK *A MOONLESS STARLESS SKY: ORDINARY WOMEN AND MEN
FIGHTING EXTREMISM IN AFRICA* BY ALEXIS OKEOWO**

Ana Lilia Carvalho Rocha

Doutora em Letras pela Universidade Federal do Pará (UFPA)

liliateacher@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/8938182052376941>

<https://orcid.org/0000-0001-8739-5786>

Tielly dos Reis Gomes

Graduanda de Letras Língua Inglesa pela UFPA (Universidade Federal do Pará)
Bolsista do projeto de Iniciação Científica CRENAC (Configurações de Resistência
em Narrativas Anglófonas Contemporâneas)

gstielly@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/7469566761328978>

<https://orcid.org/0009-0000-7088-8074>

Resumo: O presente estudo trata-se de uma pesquisa bibliográfica, cujo referencial teórico está amparado em Wilberth Salgueiro (2012) e em Jeanne Marie Gagnebin (2006) na temática do testemunho, em Achille Mbembe (2016, 2018) referente à necropolítica, nas percepções de Foucault (2008), de Hobbes (2004), de Fanon (2008) e de Bakunin (2002) acerca das estruturas do poder e de soberania e nos conceitos de 'vida nua' (Agamben, 1995) e de 'epistemicídio' (Santos, 2014). A obra analisada "*A Moonless Starless Sky: Ordinary Women and Men Fighting Extremism in Africa*" (Okeowo, 2017), objeto de estudo deste trabalho, apresenta como tema central resistência em estados de exceção, com forte teor testemunhal, e revela, no decorrer de quatro narrativas, sobre as vidas de pessoas comuns submetidas ao extremismo na África Moderna. Como método, foram selecionados os capítulos da Mauritânia, que tratam a respeito da situação de escravidão moderna no país e a luta para extingui-la, a fim de atingir o objetivo principal de expor o conteúdo testemunhal e necropolítico presente na obra. Dessarte, por meio dos testemunhos estudados, pôde-se observar a persistente hipocrisia do governo da Mauritânia e a importância da resistência frente ao contexto extremista imposto a essas pessoas no século XXI. Este trabalho foi desenvolvido no projeto de iniciação científica Configurações de Resistência em Narrativas Anglófonas Contemporâneas – CRENAC.

Palavras-chave: Resistência. Necropolítica. Literatura de Testemunho. Extremismo na África. Escravidão Moderna.

Abstract: This study is a bibliographical research, its theoretical framework is supported by Wilberth Salgueiro (2012) and Jeanne Marie Gagnebin (2006) on the thematic of testimony, Achille Mbembe (2016, 2018) on necropolitics, the perceptions of Foucault (2008), Hobbes (2004), Fanon (2008) and Bakunin (2002) on the structures of power and sovereignty, and the concepts of 'Bare life' (Agamben, 1995) and

Building the way

'Epistemicide' (Santos, 2010). The work analyzed, "*A Moonless Starless Sky: Ordinary Women and Men Fighting Extremism in Africa*" (Okeowo, 2017), the object of this study, presents resistance in states of exception as its central theme, with a strong testimonial content, and reveals, over the course of four narratives, the lives of ordinary people subjected to extremism in Modern Africa. As a method, the chapters on Mauritania were selected, which deal with the situation of modern slavery in the country and the struggle to extinguish it, in order to achieve the main objective of exposing the testimonial and necropolitical content present in the work. Thus, through the testimonies studied, it was possible to observe the persistent hypocrisy of the Mauritanian government and the importance of resistance in the face of the extremist context imposed on these people in the 21st century. This work was developed in the scientific initiation project *Configurações de Resistência em Narrativas Anglófonas Contemporâneas* (Configurations of Resistance in Contemporary Anglophone Narratives) - CRENAC.

Key-words: Resistance. Necropolitics. Testimony Literature. Extremism in Africa. Modern Slavery.

Considerações iniciais

Este trabalho analisa a situação de escravidão moderna no país da Mauritânia, que persiste em pleno século XXI, por meio dos dois capítulos contidos em *A Moonless Starless Sky: Ordinary Women and Men Fighting Extremism in Africa* de Alexis Okeowo, intitulados *Not Restrained by Chains* e *Caravan of Freedom*. Publicado em 2017, o livro disserta, no decorrer de quatro narrativas, sobre as vidas de pessoas comuns lutando contra o extremismo na África Moderna e, logo, apresenta como temática central a resistência em estados de exceção¹, com forte teor testemunhal. A partir do conteúdo aqui selecionado, relacionamos os conceitos de testemunho e de necropolítica, além do epistemicídio envolvido e das ponderações acerca das manutenções do poder soberano que se fazem presentes na obra. Ademais, convém ressaltar o importante papel desempenhado por Okeowo, ao propagar as histórias desses indivíduos para o mundo e ao mostrar para os seus leitores, com o uso da escrita empática, que as pessoas entrevistadas não são

¹ Refere-se ao estado de emergência, onde o governo suspende as normas legais e os direitos civis frente a uma crise ou possível ameaça. Ele é propício ao poder soberano, que arbitra quem está sujeito à lei e quem não está, definindo grupos de pessoas como "vidas nuas", ou seja, submetidas a situações e ações extremas sem proteção legal. "O estado de exceção é um estado anômico, no qual a vida é reduzida à dimensão meramente biológica, apolítica e, portanto, destituída de direitos (sequer aos procedimentos judiciais, formalmente assegurados universalmente), que faz lembrar a todos o privilégio da Lei (de se poder obedecer à Lei)." (Souza, 2010, p. 17), com 'Lei' sendo entendida segundo Hobbes (2004) – para quem é ordem, obrigação, impedimento.

Building the way

diferentes deles, mas vivem em situações extremas, seja pela sua cor de pele ou pelo lugar em que nasceram, e que elas seguem resistindo dia após dia para sobre(viver).

Este artigo está organizado em: Considerações iniciais, Escravidão e Resistência em Maurîtânia , Considerações finais e Referências. Para realizá-lo, nos debruçamos no referencial teórico definido e coletamos os testemunhos dispostos na obra de Alexis Okeowo.

Escravidão e resistência em maurîtânia

Para conceber a presente investigação, relacionamos o nosso objeto de estudo às observações dos autores Jeanne Marie Gagnebin (2006) e Wilberth Salgueiro (2012) acerca do testemunho de Achille Mbembe (2016, 2018) referente à necropolítica. Além disso, contamos com percepções de Foucault (2008), de Hobbes (2004), de Fanon (2008) e de Bakunin (2002) e exploramos os conceitos de ‘vida nua’ (Agamben, 1995) e de ‘epistemicídio’ (Santos, 2010) vinculados ao contexto extremista abordado na obra. Após a leitura minuciosa do referencial teórico exposto, partimos para a análise dos testemunhos em *“A Moonless Starless Sky: Ordinary Women and Men Fighting Extremism in Africa”* de Alexis Okeowo.

Inicialmente, de acordo com Wilberth Salgueiro (2012), vale ressaltar que o testemunho é um documento verídico, que tem compromisso com a verdade. Dessa forma, ele conta o lado da história não oficial de quem está à margem da sociedade e reflete uma questão de justiça pelo o que aconteceu em um contexto de violência ou extremista. Há, inúmeras modalidades de testemunho, seja em relação a eventos – como Shoah, genocídios, guerras, ditaduras, tortura, miséria, opressão – seja em relação às formas de expressão do testemunho – como memória, romance, filme, depoimento, poema, quadrinhos, canções etc. A seguir estão algumas características notáveis da literatura de testemunho elencadas pelo autor:

Muito sinteticamente, podemos indicar alguns traços e textos–intercambiantes e iincludentes – que caracterizam este híbrido e complexo “gênero”. (...) (1) o registro em primeira pessoa; (...) (2) um compromisso com a sinceridade do relato; (...) (3) desejo de justiça; (...) (4) a vontade de resistência; (...) (5) abalo da hegemonia do valor estético sobre o valor ético; (...) (6) a apresentação de um evento coletivo, uma pessoa se faz porta-voz de muitos; (...) (7) a presença do trauma; (...) (8) rancor e ressentimento; (...) (9) vínculo estreito com a história; (...) (10) sentimento de vergonha pelas humilhações e pela

Building the way

animalização sofridas; Processo de objetificação: para o opressor o oprimido não está no mesmo patamar de humanidade. (...) (11) sentimento de culpa por ter sobrevivido; (...) (12) impossibilidade radical de re-apresentação do vivido/sofrido (Salgueiro, 2012, p. 6-7).

Logo, em *A Moonless Starless Sky: Ordinary Women and Men Fighting Extremism in Africa*, Okeowo atua como intermediária, ao escutar e mostrar o testemunho dessas pessoas para o mundo, o que a caracteriza como testemunha solidária.

44

Nesse sentido, uma ampliação do conceito de testemunha se torna necessária; testemunha não seria somente aquele que viu com seus próprios olhos, o bistor de Heródoto, a testemunha direta. Testemunha também seria aquele que não vai embora, que consegue ouvir a narração insuportável do outro e que aceita que suas palavras levem adiante, como num revezamento, a história do outro: não por culpabilidade ou por compaixão, mas porque somente a transmissão simbólica, assumida apesar e por causa do sofrimento indizível, somente essa retomada reflexiva do passado pode nos ajudar a não repeti-lo infinitamente, mas a ousar esboçar uma outra história, a inventar o presente (Gagnebin, 2006, p. 57).

Ademais, trataremos sobre a necropolítica, etimologicamente “política da morte”, termo cunhado pelo autor Achille Mbembe (2018), que se baseia no conceito de biopoder² e explora as noções de soberania em relação aos estados de exceção. Assim, é possível afirmar que necropolítica é o direito que alguma autoridade admite para exterminar um grupo de pessoas. Para Mbembe (2018, p. 5):

[...] a expressão máxima de soberania reside, em grande medida, no poder e na capacidade de ditar quem pode viver e quem deve morrer. Por isso, matar ou deixar viver constituem os limites da soberania, seus atributos fundamentais. Ser soberano é exercer controle sobre a mortalidade e definir a vida como a implantação e manifestação do poder.

De acordo com Foucault (2008), soberania como estratégia de manutenção do poder, indica que o Rei é tudo, o súdito nada e, esse último, desempenha o papel de atribuir e garantir a soberania daquele que dispõe do poder, o “poder soberano”. Nesse aspecto, Mbembe (2018) estuda a soberania aplicada como: “[...]”

² Conceito de Michel Foucault: refere-se ao domínio sobre a vida de populações, a partir das estruturas de poder que regem a sociedade.

Building the way

instrumentalização generalizada da existência humana e a destruição material de corpos humanos e populações.”

Diante disso, podemos levantar o conceito de “vida nua” (Agamben, 1995): a gênese do poder soberano, o estado cujo indivíduo é reduzido à mera existência biológica – ser apolítico – e, nessa configuração, abandonada pelo direito e proteção estatal, torna-se corpo matável sem que haja impactos legais. É o ato de matar sem que seja caracterizado como homicídio. É a vida exposta à morte pela exceção soberana constituída e essa violência reside na manipulação da vida, que pode ser considerada descartável ou não. Logo, “O poder soberano decide sobre o valor e desvalor da vida, concretamente, consentindo/gerando a “vida nua”.” (Souza, 2010, p. 17).

Na obra de Okeowo, essa “instrumentalização” é notada pelo processo de objetificação³ e pela destruição da identidade⁴ de um grupo de pessoas, que, na condição de escravizados, precisam atender às imposições daqueles que os escravizavam. Nesse viés, é importante ter em mente que a escravidão na Mauritânia não é somente forma lucrativa de exploração, como apresenta um poder soberano inquestionável, profundamente atrelado à distorção do Islamismo e mantido pela violência exercida há gerações. Em contrapartida, o testemunho de Biram, na narrativa do século XXI, demonstra resistência a essa soberania tirânica instaurada pelo governo do país, que é sustentada pelo discurso religioso e pela violência derivada da ideia de que está sendo feita em nome ou por meio de Deus: “Meu problema não é contra a religião”, ele continuou. “É contra a interpretação da religião como a origem, a justificativa e a legitimação da escravidão. O uso do Islamismo, não o Islamismo” (Okeowo, 2017, p. 48, tradução nossa)⁵.

Desde cedo, Biram luta pela liberdade do povo da Mauritânia. Em 2008, fundou o IRA (*Initiative for the Resurgence of the Abolitionist Movement*) e tornou-se o principal ativista da causa até hoje. Ele sempre reforça em seu testemunho que a persistência da escravidão na Mauritânia está intrínseca na religião, por isso confessa que a situação só poderá ser alterada quando a interpretação do Islamismo for feita

³ O opressor não vê o oprimido no mesmo patamar de humanidade que ele, ou seja, não o considera humano.

⁴ Entendimento que a pessoa tem acerca de quem ela é e que o outro tem sobre ela.

⁵ ““My problem is not against religion,” he went on. “It’s against the interpretation of religion as the origin, the justification, and the legitimization of slavery. The use of Islam, not Islam.”” (Okeowo, 2017, p. 48)

Building the way

sob uma ótica com base nos princípios de igualdade, tolerância e liberdade de expressão presentes na doutrina islâmica.

46

“Eu sempre soube que minha luta tinha de estar dentro da religião, não fora dela”, disse ele. Enquadrar a crise de escravatura do país em termos de direitos humanos não era suficiente. “Eu queria trazer princípios do Corão para convencer as pessoas de que há dois islamismos: o verdadeiro Islamismo e a interpretação errada do Islamismo.” Ele acreditava que era fácil encontrar ideais como igualdade, tolerância e liberdade de expressão em sua religião (Okeowo, 2017, p. 130, tradução nossa)⁶.

O termo Epistemicídio, defendido na obra intitulada *Epistemologias do Sul: Perspectivas* (Santos, 2010), também mostra-se pertinente ao indicar a destruição de conhecimentos, saberes e culturas não assimiladas pela cultura branca/ocidental, isto é, quando uma cultura se sobrepõe a outra como forma de dominação política e ideológica, ocasionando no apagamento da cultura subjugada. Vejamos a seguir um fragmento de *A Moonless Starless Sky: Ordinary Women and Men Fighting Extremism in Africa*, com características desse processo:

Os escravizados foram os mais negligenciados de todos. Eles não estavam presos por correntes, mas não podiam ir a escolas seculares ou a escolas religiosas ou estudar o Islamismo de qualquer forma significativa e independente. E como a maioria dos *White Moors* encarava o Islamismo como endossando a escravidão e ensinava essa interpretação aos *Haratin*, questionar a escravidão equivaleria a questionar o Islamismo. Quando se dizia aos escravizados que a servidão nesta vida traria recompensa na próxima, alguns acreditavam. [...] “Para o escravizados, sua identidade é seu dono”, disse Biram. “O dono é o seu ídolo, um que nunca se pode tornar, e ele é invencível.” Era verdade que os escravizados tecnicamente podiam dizer aos seus donos que queriam ser livres, mas os donos dos escravizados usavam abusos físicos e ameaças de morte para mantê-los escravizados (Okeowo, 2017, p. 41, tradução nossa)⁷.

⁶ “I always knew that my fight had to be inside religion, not outside it,” he said. Framing the country’s slavery crisis in terms of human rights was not enough. “I wanted to bring principles from the Koran to convince people that there are two Islams: the real Islam and the wrong interpretation of Islam.” He believed it was easy to find ideals like equality, tolerance, and freedom of expression in his religion” (Okeowo, 2017, p. 130).

⁷ “Slaves were the most neglected of all. They were not restrained by chains, but they could not go to secular schools, or religious schools, or study Islam in any kind of meaningful, independent way. And because most *White Moors* perceived Islam as endorsing slavery and taught that interpretation to *Haratin*, questioning slavery was tantamount to questioning Islam. When slaves were told that servitude in this life brought reward in the next one, some believed it. (...) “To the slave, his identity is his master,” Biram said. “The master is his idol, one he can never become, and he is invincible.” It was true that slaves could technically tell their masters that they wished to be free, but slave owners used physical abuse and death threats to keep them enslaved” (Okeowo, 2017, p. 41).

No decorrer da narrativa testemunhal, torna-se nítida a divisão social da Mauritânia entre os *White Moors*, pequena classe que detém a maior parte da riqueza e do poder político do país, os *Haratin*, escravizados que são uma subclasse permanente mesmo depois de libertos, e os *Afro-Mauritâneos*, um grupo étnico que nunca foi escravizado, mas que também sofre preconceito por sua cor de pele. Além disso, a maior parte da classe escravista é composta por mulheres e crianças, uma vez que, na tradição da Mauritânia, mesmo mulheres adultas são consideradas menores de idade. Consequentemente, escapar é ainda mais difícil para elas.

Notamos que a identidade do escravizado passa a ser o seu dono, afinal, uma vez que os senhores de escravizados impõem sua tradição aos escravizados, estes perdem a própria identidade, ou seja, ocorre o apagamento desses indivíduos. Apagamento esse que denota o epistemicídio envolvido. Nesse sentido, Frantz Fanon (2008, p. 180) em seu livro *Pele Negra, Máscaras Brancas*, afirma que:

O homem só é humano na medida em que ele quer se impor a um outro homem, a fim de ser reconhecido. Enquanto ele não é efetivamente reconhecido pelo outro, é este outro que permanece o tema de sua ação. É deste outro, do reconhecimento por este outro que dependem seu valor e sua realidade humana. É neste outro que se condensa o sentido de sua vida.

Ademais, os escravizados são condicionados a acreditarem que a vida de servidão é uma destinação divina e será recompensada na próxima. Por outro lado, aqueles que discordam são ameaçados e punidos com violência. Nesse ponto, busquemos Hobbes (2004, p. 263) a respeito do poder dado ao Leviatã, que é o Estado: “[...] só governa propriamente quem governa seus súditos com a palavra e com a promessa de recompensa àqueles que lhe obedecem, e com a ameaça de punição àqueles que não lhe obedecem”. Conclui-se, portanto, que o poder soberano que perpetua a escravidão na Mauritânia está alicerçado na religião e na violência, que juntos justificam e asseguram as ações do Estado.

Para analisar a obra *A Moonless Starless Sky* é preciso mencionar que a Mauritânia foi o último país a abolir a escravidão no mundo, em 1981. Todavia, desde então, há uma forte hipocrisia por parte do governo, que acoberta a prática. No livro, é mostrado a Okeowo que comunidades inteiras são escravizadas em interiores,

Building the way

enquanto ditas parentes dos donos de escravizados. Além disso, não há espaço na sociedade para esses indivíduos após libertos:

Eles enfrentavam discriminação quando procuravam emprego e, sem educação e vivendo na pobreza, arriscavam-se a ficar escravizados de novo. Por grande parte da economia ser informal, até mesmo aqueles que encontravam trabalho eram muitas vezes explorados e mal pagos (Okeowo, 2017, p. 126, tradução nossa)⁸.

48

Nessa conjuntura, na perspectiva de Ethmane, um *White Moor* abolicionista, que nasceu em uma família de proprietários de escravizados, aqueles que ainda servem a sua família mesmo depois de libertos acreditam que ainda pertencem a ele, eles não são mais restritos pela força, apenas pela necessidade econômica e por um forte vínculo emocional. Observemos suas considerações quanto ao cenário escravista da Mauritânia:

“O ex-proprietário de escravizados precisa de terapia mais do que o ex-escravizados, devido ao trauma resultante da ruptura entre o seu sentido de superioridade racial e a necessidade do mundo moderno”, prosseguiu Ethmane. Então, em público, disse ele, *White Moors* ecoaram a linha do governo: “escravidão não existe mais e falar disso sugere manipulação pelo Ocidente, um ato de inimizade para com o Islamismo, ou influência da conspiração judaica mundial” (Okeowo, 2017, p. 126, tradução nossa)⁹.

Diante disso, Okeowo questiona: se até mesmo um *White Moor* progressista desconsidera o prejuízo emocional e físico dos escravizados e, no lugar, preocupa-se em exaltar os danos causados aos opressores, haveria esperança para aqueles que não foram tão “evoluídos”? No trecho a seguir, veremos um fragmento da conversa entre a autora e Hamdi Ould Mahjoub, um *White Moor* da “Agência Nacional de Solidariedade para a Luta Contra os Vestígios da Escravidão, para a Integração e para a Luta Contra a Pobreza”, que reforça a negligência e a clara hipocrisia governamental ao velar a escravidão: “Mas existia escravidão?’ Perguntei-

⁸ “They faced discrimination when looking for work, and, without education and living in poverty, they risked becoming enslaved again. Because much of the economy was informal, even those who did find work were often exploited and poorly paid” (Okeowo, 2017, p. 126).

⁹ “The former master needs therapy more than the former slave, because of trauma resulting from the rupture between his sense of racial superiority and the necessity of the modern world,” Ethmane went on. So, in public, he said, *White Moors* echoed the government’s line: “Slavery no longer exists, and talk of it suggests manipulation by the West, an act of enmity toward Islam, or influence from the worldwide Jewish conspiracy” (Okeowo, 2017, p. 126).

Building the way

lhe outra vez. Ele também parou. ‘A escravidão como instituição’, começou novamente, ‘como algo aceito pela sociedade, não existe’” (Okeowo, 2017, p. 129, tradução nossa)¹⁰.

Como já foi mencionado, um dos pontos mais marcantes da obra é a desumanização, animalização ou objetificação, característica do testemunho e da necropolítica. Fica claro no testemunho de Haby, que para o seu dono ela não passa de um mero objeto e sempre deve lembrar-se de que existe alguém acima de si.

Ela não era humana, seu dono disse a ela. [...] “Ele me bateu, chamou-me de escrava”, disse Haby. “Ele vinha até mim e me batia, dizendo que meu corpo precisava ser espancado para ser colocado em forma. Ele disse que tenho que ser espancada de vez em quando, porque se eu não for espancada, esquecerei de que alguém está acima de mim. Passei a minha vida assim (Okeowo, 2017, p. 34, tradução nossa)¹¹.

Outro testemunho que reforça essa questão e também reitera a destinação divina a qual esses indivíduos são levados a acreditar, é de Sidi, um garoto escravizado, que depois de liberto por Biram, diz sobre como apenas agora sentia que era uma pessoa, porque antes, na condição de escravizado, ele não era nada.

“Minha mãe ficou zangada comigo quando deixei os meus donos”, lembrou-se Sidi. “Para ela, ela é uma escrava, eu sou um escravo, e nós temos que ser escravos - ela não entendeu.” (...) “Agora sinto que sou uma pessoa porque antes disso eu não era uma pessoa. Eu não era nada”, disse ele. “E agora eu sinto que sou como todos os garotos deste país. Sinto-me livre” (Okeowo, 2017, p. 129, tradução nossa)¹².

A falta de perspectiva também é um tópico recorrente nos testemunhos feitos na Maurîtânia. Nessa situação, o indivíduo não vê alternativa para fora dali. É necessário reafirmar que a escravidão na Maurîtânia não possui correntes físicas, mas mentais, resultado das ameaças, das privações e dos abusos exercidos por gerações

¹⁰ ““But did slavery exist?” I asked him again. He stopped, too. “Slavery as an institution,” he began again, “as something accepted by society, does not exist.”” (OKEOWO, 2017, p. 129)

¹¹ “She was not human, her master told her. (...) “He hit me, called me a slave,” Haby said. “He would come to me and beat me, saying that my body needed to be beaten to be put in shape. He said I have to be beaten from time to time, because if I am not beaten, I will forget that someone is over me. I spent my life like this.” (Okeowo, 2017, p. 34)

¹² “My mother was angry at me when I left my masters,” Sidi recalled. “To her, she is a slave, I am a slave, and we have to be slaves—she did not understand.” (...) “Now I feel that I am a person because before that I was not a person. I was nothing,” he said. “And now I feel like I’m like all boys in this country. I feel like I’m free.” (Okeowo, 2017, p. 129)

Building the way

e pela manipulação da religião para justificar o ato. Logo, eles são ensinados que questionar a escravidão, é questionar o Islamismo. Por isso, após duas tentativas mal sucedidas de fuga e perante a falta de esperança expressa por sua mãe de que aquele era o destino deles, Haby mostra resistência em deixar a família que a escravizava. Desse modo, quando Biram, ao lado de Bilal, irmão de Haby, e um policial vão resgatá-la, ela recusa e diz: “Eu não sou escrava! Eu não sou escrava! Eu sou livre! Eu sou escrava de Deus!” (Okeowo, 2017, p. 37, tradução nossa)¹³.

Vejamos as contribuições de Bakunin (2002, p. 23) sobre isso:

Todos os homens devem-lhes uma obediência passiva e ilimitada, pois contra a razão divina não há razão humana, e contra a justiça de Deus não há justiça terrestre que se mantenha. escravos de Deus, os homens devem sê-lo também da Igreja e do Estado, enquanto esse último for consagrado pela Igreja.

A justificativa da escravidão dada pela religião perpassa além do corpo desses indivíduos. Não há correntes físicas na Mauritânia, mas a violência ao corpo, à mente e ao emocional dessas pessoas persiste. Dito isso, Haby acreditava que Biram era um traidor e sentiu-se ameaçada. Após este episódio, já liberta, ela ganha uma vida, aprende a ler e a praticar sua religião, constrói uma família e agora trabalha por si mesma. Contudo, Haby sente que enquanto houver escravidão na Mauritânia ela nunca será completamente livre.

Considerações finais

Neste trabalho, expôs-se a situação de escravidão moderna vigente na Mauritânia e a luta para extingui-la. O uso do Islamismo para justificar a escravidão e a violência como instrumento para manutenção do poder soberano, bem como a desumanização sofrida por estes indivíduos caracterizam a necropolítica e o epistemicídio exercidos na dinâmica do opressor, que impõe suas tradições em detrimento da identidade do oprimido e o reduz a nada. É, assim, atribuída pelo Estado a condição de “vida nua” aos escravizados: vidas desprovidas de direitos, vidas abandonadas pela proteção legal, vidas descartáveis.

¹³ “I am not a slave! I am not a slave! I am free! I am a slave of God!” she said.” (Okeowo, 2017, p. 37)
v. 14, n. 1

Building the way

Portanto, em *A Moonless Starless Sky: Ordinary Women and Men Fighting Extremism in Africa*, Okeowo no papel de testemunha solidária, difunde os testemunhos desses indivíduos e denuncia a hipocrisia do governo da Mauritânia, revelando ao mundo a importância da resistência frente ao extremismo vigente no século XXI.

Narrativas testemunhais como as que estão presentes na obra de Alexis Okeowo dão voz a indivíduos subalternizados e invisibilizados em uma sociedade na qual não são vistos como seres humanos, mas como seres descartáveis, fazendo jus ao conceito de vida nua concebido por Agamben.

Ao ser a mediadora desses testemunhos, Okeowo permite que ganhem notoriedade e revelem ao mundo uma triste face da humanidade, que subjuga, invisibiliza, objetifica e extermina indivíduos e apaga sua existência e memória. Esperamos que estes testemunhos contribuam para uma mudança no olhar sobre a Mauritânia e nos leve a construir um mundo mais ético e empático e que valorize todas as vidas.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **Estado de exceção: [Homo Sacer, II, I]**. Boitempo editora, 1995.

BAKUNIN, Mikhail. **Deus e o Estado**. 2002.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, Território e População**. Curso dado no College de France (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008. Coleção Tópicos.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Ed. 34, 2006.

HOBBS, T. **Leviatã ou Matéria: forma e poder de um estado eclesiástico civil**. São Paulo: Editora Nova Cultural, 2004. Coleção Os Pensadores.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. **Arte & ensaios**, v. 2, n. 32, p. 122-151, 2016.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte**. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

OKEOWO, Alexis. **A Moonless Starless Sky**. New York: Hachette Books, 2017.

SALGUEIRO, Wilberth. O QUE É LITERATURA DE TESTEMUNHO (E CONSIDERAÇÕES EM TORNO DE GRACILIANO RAMOS, ALEX POLARI E

Building the way

ANDRÉ DU RAP). **Matraga - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ**, [S.l.], v. 19, n. 31, dez. 2012.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. **Epistemologias do sul**. In: *Epistemologias do sul*. 2010. p. 637-637.

SOUZA, Angelita Matos. Estado de exceção. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 10, 2010.